

## Atividade Domiciliar de Língua Portuguesa 8º ano- 18 a 22 de maio.

Professora: Lindalva

- Olá turmas, vamos estudar sobre textos de ficção científica. Para começar, gostaria que assistissem ao filme “O homem bicentenário”, que mistura bastante a ciência e a humanidade.
- O texto inicial, que deu origem ao filme, é uma novela que faz parte da série Robôs. Isaac Asimov começou a escrever a história de Andrew e seus 200 anos para ser publicada em 1976, em comemoração ao bicentenário de independência dos Estados Unidos da América. Na época, portanto, Asimov partiu de uma encomenda para criar o título que então, aos poucos, deu origem aos pormenores da trama e à personagem Andrew, cujo desejo de liberdade no contexto de criação pode ser relacionado à comemoração da liberdade do país que havia sido colônia inglesa. Quando publicada, a obra ganhou dois prêmios como melhor novela de ficção científica. Espero que gostem!
- O filme pode ser acessado através desse endereço eletrônico:  
<https://www.youtube.com/watch?v=qLzfallBKU8>
- Quem não tiver meios para assistir o filme, no seu livro didático, páginas 44, 45 e 46, representa alguns capítulos da novela original. Quem não tiver o livro didático disponibilizei abaixo imagens do texto para leitura.
- Logo após responder as questões referente o filme.
- Agora só estourar pipoca e assistir!



## **Atividade O Homem Bicentenário**

- 1) O Robô Andrews é único e demonstra muitas habilidades humanas. Para você, em que Andrews mais se parece com os humanos?
  
- 2) Por que Andrews se referia a si mesmo como "Isto"? Em qual momento ele parou de se referir assim e começou a se chamar pelo nome?
  
- 3) Você acredita que um dia iremos criar robôs tão perfeitos quanto os seres humanos?
  
- 4) Você acha possível "criarmos" um ser humano no laboratório? Argumente:
  
- 5) Por que o robô Andrewa é diferente dos outros robôs?
  
- 6) Você gostou do filme? Qual sua cena favorita?
  
- 7) Vocês acreditam que no futuro teremos uma sociedade robótica? Argumente:
  
- 8) Qual mensagem o filme quis passar ao longo de sua história?
  
- 9) No final do filme porque Andrews fala que possuía uma natureza humana?
  
- 10) A ciência e a tecnologia têm melhorado e se aperfeiçoado cada dia mais. Você acredita que deve haver um limite entre o ser humano e a tecnologia?

## O homem bicentenário

19.

Não foi uma luta direta. A Feingold & Martin aconselhou Andrew a ter paciência, coisa que ele, resmungando tristemente, disse que tinha até de sobra. A banca de advocacia iniciou, então, uma campanha para restringir e delimitar a área de ação.

Entraram com uma petição em que se afirmava que um indivíduo portador de prótese cardíaca ficava isento do pagamento de dívidas, com fundamento na asserção jurídica de que a posse de um órgão robótico o destituía da condição humana e, conseqüentemente, dos direitos constitucionais dos seres humanos. Lutaram de modo hábil e obstinado para provar esse ponto de vista, perdendo terreno a cada instante, mas sempre de tal forma que a sentença teve de ser a mais abrangente possível e depois, então, apresentaram recurso perante o Tribunal Mundial.

Isso levou anos e vários milhões de dólares.

Proferida a sentença definitiva, DeLong ofereceu o que equivalia a uma comemoração de vitória por causa da derrota legal. Andrew, naturalmente, encontrava-se presente no escritório da corporação, onde se festejava a ocasião.

— Conseguimos duas coisas, Andrew — disse DeLong —, ambas alvissareiras. Antes de mais nada, ficou determinado que, qualquer que seja a quantidade de membros artificiais que exista no corpo humano, isso não impede que continue a ser considerado como tal. E, em segundo lugar, conquistamos o apoio incondicional da opinião pública a favor de uma ampla interpretação do que vem a ser um homem, já que não há nenhuma criatura que não conte com próteses para se manter viva.

— E você acha que a Legislatura agora vai me conceder a condição humana?

— perguntou Andrew.

DeLong pareceu meio constrangido.



— Quanto a isso, não me atrevo a ser otimista. Ainda resta o único órgão que o Tribunal Mundial usa como critério para determinar a condição humana. Os homens têm um cérebro celular orgânico, ao passo que o dos robôs, quando existe, é positrônico e de platinirídio; e o teu, sem a menor sombra de dúvida, está nesse caso. Não, Andrew, não faça essa cara. Nós não dispomos de meios para copiar o trabalho de um cérebro celular em estruturas artificiais, de maneira tão idêntica ao do tipo orgânico que possa se enquadrar na sentença do tribunal. Nem você mesmo seria capaz de conseguir isso. [...]

20.

A congressista Li-hsing tinha envelhecido bastante desde a primeira entrevista concedida a Andrew. Não usava há muito tempo aquelas roupas transparentes. O cabelo estava cortado bem curto e o traje era cilíndrico. Apesar disso, Andrew se conservava ao máximo possível dentro dos limites do bom gosto, fiel ao estilo de roupa que resolvera adotar há um século atrás.

— Não dá para se fazer mais do que já se fez, Andrew — admitiu Li-hsing. — Vamos tentar outra vez depois do recesso parlamentar, mas, para ser franca, a derrota vai ser inevitável e aí então teremos que desistir por completo. Todos os meus esforços mais recentes só contribuíram para a certeza de que não serei reeleita na campanha para os cargos legislativos.

— Eu sei — disse Andrew —, e isso me preocupa muito. [...]

— Conseguimos abalar a opinião de todos com que era possível contar. O resto, a maioria, vai se manter inabalável nas suas antipatias emocionais.

— Antipatia emocional não se constitui motivo válido para votar assim ou assado.

— Eu sei disso, Andrew, mas o problema é que eles não apresentam a antipatia emocional como motivo.

— Tudo se reduz no cérebro, então — disse Andrew, cauteloso. Mas será que a gente precisa reduzir tudo a uma simples questão de células em contraposição a pósitrons? Não existe um modo de forçar uma definição funcional? Será que preciso dizer que um cérebro se compõe disto ou daquilo? Por que não se diz que ele é uma coisa, seja lá qual for, capaz de um determinado nível de raciocínio? [...]

— Com todos os anos de vida que tem — comentou Li-hsing com tristeza —, você não desiste de querer compreender o ser humano. Pobre Andrew, não fique brabo comigo, mas é o seu caráter de robô que insiste em te levar nessa direção.

— Sei lá — retrucou Andrew. — Se ao menos eu pudesse... [...]

21.

A sensação de fraqueza de Andrew, segundo ele, era apenas imaginária. Tinha se recuperado da operação. Mesmo assim encostou-se, da maneira mais discreta possível, na parede. Se sentasse, não poderia dissimular.

— O voto decisivo será nesta semana, Andrew — disse Li-hsing. — Não consegui continuar adiando por mais tempo, e é certo que vamos perder. Depois disso, não tem mais condições, Andrew.

— Me sinto muito grato pela tua habilidade em protelar. Me deu o prazo que precisava e me arrisquei a fazer o que queria.

— Que risco foi esse? — perguntou Li-hsing, já francamente preocupada.

— Não podia contar a você nem ao pessoal da Feingold & Martin. Tinha certeza de que não iriam consentir. Veja só, se o que está em jogo é o cérebro, tudo não se resume numa questão de imortalidade? Ninguém liga a menor importância para o aspecto, a origem ou o modo de se fazer um cérebro. O que importa é que as células do cérebro humano morrem, têm de morrer. Mesmo que todos os outros órgãos do corpo se conservem ou sejam substituídos, as células cerebrais, que não podem ser trocadas sem modificar e, portanto, matar a personalidade, com o tempo acabam morrendo.

“O meu próprio comportamento positrônico já durou quase dois séculos sem nenhuma modificação perceptível e é capaz de durar muito mais ainda. Não é essa a objeção fundamental? A humanidade pode tolerar um robô imortal, porque pouco importa quanto tempo a máquina dure, mas não pode tolerar um homem imortal, uma vez que a própria mortalidade só é sustentável na medida em que for geral. E por esse motivo não concordam com minha exigência de me tornar humano.”

— Aonde é que você quer chegar, Andrew? — perguntou Li-hsing.

— Acabei com esse problema. Décadas atrás, o meu cérebro positrônico foi ligado a nervos orgânicos. Agora, uma última operação conseguiu dar um jeito para que essa ligação, aos poucos, paulatinamente, perdesse esse potencial do meu comportamento. [...]

— Andrew, isso não vai dar certo! Troca de novo.

— Impossível. Os danos foram enormes. Tenho um ano para viver, mais ou menos. Vou sobreviver até festejar meu bicentenário. Não tive forças para protestar contra essa condição. [...]

22.

É estranho como o mundo se deixou impressionar com aquela última façanha. Tudo o que Andrew tinha feito até então nunca abalara ninguém. Mas havia sacrificado a própria vida para chegar à condição humana e o sacrifício era grande demais para ser ignorado.

A cerimônia final foi marcada, de modo absolutamente proposital, para coincidir com o bicentenário. O presidente do Mundo devia assinar o ato, convertendo em lei a vontade do povo. A cerimônia seria transmitida em rede mundial, alcançando o estado Lunar e até a colônia marciana.

Andrew andava de cadeira de rodas. Ainda estava em condições de poder caminhar, mas de modo muito precário.

— Há cinquenta anos — disse o presidente diante de toda humanidade —, você foi proclamado o Robô Sesquicentenário, Andrew. — Fez uma pausa e decentenário, Mr. Martin.

E Andrew, sorridente, estendeu a mão para apertar a do presidente.

Isaac Asimov. *O homem bicentenário*. Tradução de Milton Perelson. Porto Alegre, 1978.



